

## CONTRIBUIÇÕES DO JOVEM WERTHER À PSICANÁLISE

Carla Jeucken<sup>1</sup>Giselle Falbo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, buscamos estabelecer uma interlocução entre a obra de Goethe *Os sofrimentos do Jovem Werther* e os estudos psicanalíticos, tendo como ponto de partida a caracterização dos impasses vividos pelo protagonista da história, sinalizada ao leitor no título do romance: trata-se dos sofrimentos de um *jovem*. Werther, espontaneamente, deixou o local onde residia com sua mãe, mas não consegue estabelecer laços duradouros com aqueles com quem compartilha sua nova vida, o que o leva a um fim catastrófico. Para desenvolvermos as discussões sobre o tema, abordaremos inicialmente a particularidade das propostas do *Sturm und Drang*, movimento literário no qual a obra foi lançada, e sua relação com a linguagem, entrelaçando psicanálise e literatura. Em seguida, discorreremos sobre as significações que atribuímos aos significantes puberdade, adolescência e juventude neste trabalho. Na terceira seção, focaremos em *Werther* e nas contribuições que alguns elementos da obra oferecem à psicanálise. Encerraremos nossas elaborações associando o declínio do *Sturm und Drang* e o subsequente protagonismo, na cena literária alemã, dos chamados romances de formação, que apresentam outra concepção de vida e de estilo artístico, em cujo contexto se destaca outra obra proeminente de Goethe, a saber, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*.

**Palavras-chave:** Juventude; psicanálise; sofrimento; Sturm und Drang; Werther.

## CONTRIBUCIONES DEL JOVEN WERTHER AL PSICOANÁLISIS

**RESUMEN:** En este trabajo, buscamos establecer una interlocución entre la obra de Goethe *Los sufrimientos del joven Werther* y los estudios psicoanalíticos. Nuestro enfoque de investigación se ha centrado en la caracterización de los conflictos vividos por el protagonista de la historia, la cual se refleja en el título del romance: se trata de los sufrimientos de un joven que, espontáneamente, dejó el lugar donde residía con su madre, pero no logra establecer vínculos duraderos con aquellos con quienes comparte su nueva vida. Para desarrollar nuestras discusiones, abordaremos inicialmente la particularidad de las propuestas juveniles del *Sturm und Drang* y su relación con el lenguaje. A continuación, discutiremos los significados de pubertad, adolescencia, juventud entrelazando psicoanálisis y literatura. En la tercera sección de este trabajo, nos centraremos en *Werther* y en las contribuciones que su errancia, preeminente en la obra, ofrece al psicoanálisis. Concluiremos nuestras elaboraciones señalando el declive del *Sturm und Drang* y el subsecuente protagonismo de las novelas de formación en la escena literaria alemana, presentando una nueva concepción de vida y de estilo

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Psicologia, Niterói, RJ, Brasil; Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Letras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: carlajeucken@tutanota.de. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4114-410X>.

<sup>2</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Psicologia, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: gisellefalbo@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4995-3630>.

artístico, em cujo contexto se destaca outra obra prominente de Goethe: *Los años de aprendizaje de Wilhelm Meister*.

**Palabras clave:** Juventud; psicoanálisis; Sturm und Drang; sufrimiento; Werther.

## Introdução

Da perspectiva psicanalítica lacaniana, o adolescer é apreendido como uma transição subjetiva que envolve certos cenários recorrentes e comuns ao período como a queda dos antigos ideais, o luto da autoridade dos pais, os movimentos de separação do Outro parental, fugas, errância, a construção de novas identificações, o ato sexual, as transformações corporais, entre outros. Não raras vezes, essa travessia se realiza de maneira acidentada, com intercorrências que incluem autolesões, mutilações ou agressões. Em suma, sob esse ângulo psicanalítico, trata-se de um tempo de impasses ocasionados pelo encontro com o real do sexo e da morte, o que exigirá do sujeito a criação singular de um saber-fazer para lidar isso, como corroboram referências robustas focadas nas questões relacionadas ao adolescer e à juventude (Alberti, 1996; Freud, 1905; Lacadée, 2011; Lacan, 2003; Garcia, 1999). Ademais, várias obras literárias possibilitam avanços nos desdobramentos sobre as questões adolescentes e serviram à psicanálise nesse sentido.

Dentre os protagonistas literários que versaram sobre o adolescer, e que puderam ser explorados em interlocuções profícuas com a psicanálise, estão algumas obras de expressão alemã, publicações que abrangem um extenso arco temporal, do século XVIII até o século XXI. À guisa de exemplo, citemos algumas das histórias mais exploradas no meio psicanalítico. O primeiro título digno de menção, *O despertar da primeira* [*Frühlings Erwachen*] (2000), do dramaturgo alemão Frank Wedekind, enfoca a travessia do adolescer com suas questões em torno do sexual e da morte, em diferentes perspectivas, encenadas por vários personagens adolescentes que convivem em um liceu. Multifacetada, a obra possibilita abordagens de diferentes temas: sexualidade, morte, suicídio, a função da escola para os jovens, a relação do adolescente com seus pais, masoquismo, sadismo etc. Lacan (2003) escreveu um prefácio à peça, no qual ele destaca o papel do homem mascarado, personagem que irrompe na trama, até então realisticamente delineada, presentificando algo da ordem do real. O personagem misterioso seria, para Lacan, o recurso pelo qual se presentifica a função do Nome-do-Pai, possibilitando ao jovem Melchior escapar da morte e da mortificação do reformatório ao qual é lançado.

Outra obra, popular no meio psicanalítico, que trata de questões referentes ao adolescer em um contexto institucional, desta vez um internato militar, chama-se *As confusões do jovem Törleß* [*Die Verwirrungen des Zöglings Törleß*] (1906), do escritor austríaco Robert Musil. Esse romance apresenta questões referentes à sexualidade, ao sadismo, às identificações, à moral e à ética que embaraçam o jovem protagonista, uma vez que este não pode mais contar com os recursos da infância que o sustentavam no laço com o

Outro. Segundo o psicanalista Philippe Lacadée (2011), Musil conseguiu explorar em seu escrito o despertar e o exílio do adolescer, além de mostrar como essas vivências se vinculam ao encontro com o sexual – tomado pelo psicanalista como aquilo que “desterritorializa o sujeito de sua infância” (Lacadée, 2011, p. 83) por ser propulsor do movimento de separação entre o jovem e as figuras parentais. Categorizado como ‘romance de formação’ [*Bildungsroman*], *Törleß* (1906) revelaria uma espécie de formação subjetiva do personagem adolescente que, tateando em busca de novas referências, encontra em um dos outros personagens “uma espécie de eu ideal (...) capaz de ajudá-lo em sua falta-a-ser” (Lacadée, 2011, p. 84).

A questão do exílio, indissociável da questão do adolescer na perspectiva de Lacadée, também foi tematizada em *Tschick* (2010), de Wolfgang Herrndorf. Neste romance juvenil *on the road*, Maik e Tschick, rapazes de aproximadamente catorze anos, partem rumo ao estrangeiro em um Lada roubado. Com um enredo cuja formatação pode ser abordada como metáfora da própria travessia subjetiva com a qual os dois personagens estão envolvidos, a narrativa aponta como eles seguem em direções opostas, por assim dizer, embora estejam juntos, supostamente a caminho de Walachei – esse local que significa um lugar estrangeiro abstrato e distante do ponto de onde o sujeito fala e, ao mesmo tempo, uma região familiar, concreta, localizada no leste europeu. Os meninos partem de Berlim, onde moram, mas enquanto Maik, alemão de classe média, busca chegar a esse fascinante lugar infamiliar, Tschick - seu companheiro de dupla nacionalidade, *outsider* na Alemanha - busca o retorno à casa de seus familiares russos. Mais uma vez, o rompimento com o familiar - neste caso, com um ato transgressor (o roubo do carro) e arriscado - é tematizado na literatura de expressão alemã.

As histórias supracitadas e comentadas se voltam às questões juvenis com temáticas bastante parecidas. Remontemo-nos, por fim, a mais uma obra, aquela com a qual nos ocuparemos neste trabalho, cuja publicação embora seja temporalmente distante das obras já mencionadas, alinha-se a elas em termos de temática, pois seu enfoque também envolve impasses da juventude. Escrita e publicada há exatos duzentos e cinquenta anos, *Os sofrimentos do jovem Werther* [*Die Leiden des jungen Werther*] (2006), de Johann Wolfgang von Goethe, apresenta aos leitores a intensificação dos sofrimentos de um jovem, encetados quando ele deixa o ambiente familiar onde vive com sua mãe, afastando-se desse modo também de seus amigos e amores. Narrado em primeira pessoa e formato epistolar, o protagonista declara, nas primeiras linhas de sua primeira missiva, a satisfação por se afastar do lugar no qual, até então, estivera instalado:

Como estou contente de ter partido! Ah, meu amigo, o que é o coração humano! Deixar-te, a ti que eu tanto amo, de quem eu era inseparável, e estar contente! Sei que me perdoarás. Não estavam todas as minhas demais relações como que escolhidas pelo destino a fim de afligir um coração como o meu? (Goethe, 2006, p.14).

O afastamento do familiar em busca da “vida verdadeira” assinalado por Lacadée (2011) como movimento subjetivo característico da adolescência, é, portanto, o ponto de onde se inicia o drama de Werther. O amigo Wilhelm, ao qual o personagem se refere como muito amado, será o único destinatário de suas missivas ao longo da história. Quando discorreu em suas memórias sobre a referida trama, Goethe (1986) fez questão de destacar que ela possuía bastante afinidade com a forma dramática. Isso teria sido reforçado pela escolha de seu aspecto epistolar, justificada por Goethe por sua tendência a transformar o monólogo em diálogo. Sozinho em suas meditações, o jovem Goethe imaginava “conversas ideais” com algum conhecido e por isso decidiu “pintar [em Werther] esse tédio à vida que os homens experimentam sem ser pressionado pela necessidade” (Goethe, 1986, p. 437).

Através das cartas, Goethe teria tentado expor seus próprios sentimentos e sofrimentos decorrentes de seu afastamento de uma moça por quem estava apaixonado, fabulando um interlocutor imaginário confiável a quem destinava as missivas. O autor supôs que elas foram bastante atrativas aos leitores justamente por causa de seu fundo multiforme, elaborado por essas conversas imaginárias com numerosas pessoas e que na obra aparecem dirigidas a um só confidente (Goethe, 1986). Poderíamos acrescentar que, da perspectiva dos leitores, por Werther se dirigir a um interlocutor silencioso, as cartas unilaterais facilitam a transmissão da intensificação dos sofrimentos do jovem, uma vez que, ininterruptamente, temos acesso, em primeira pessoa, aos impasses que ele vivencia, à narrativa dos encontros malogrados, à sua ênfase juvenil. O leitor se torna o confidente de Werther, tal qual seu amigo Wilhelm, testemunha silenciosa do que se passa com o jovem.

A expressão subjetiva do poeta na obra, tão valorizada pelo *Sturm und Drang*, movimento literário no qual a obra se insere, alcançou seu ápice com a trama goethiana. Seu sucesso foi tão estrondoso que o livro provocou um efeito catastrófico entre os jovens, levando-os a se matar após a leitura pela identificação dos leitores com o personagem. Goethe atribuiu essa onda trágica às fantasias juvenis decorrentes das transições culturais e sociais vivenciadas na época, situação na qual a fantasia do suicídio se insinuava entre esses jovens como fuga legítima ante o sofrimento. A comoção após a publicação de *Werther* foi grande: os jovens, que já tinham perdido suas referências e reivindicavam um lugar de gênio criador, davam “livre curso às suas pretensões exageradas, às suas paixões insatisfeitas e aos seus sofrimentos imaginários” (Goethe, 1986, p. 441).

Da trama de *Werther* pretendemos extrair contribuições à psicanálise, tendo em vista certa especificidade na caracterização dos impasses do famigerado personagem, sinalizada desde seu título: trata-se dos sofrimentos de um *jovem*. Para tanto, inicialmente, abordaremos a particularidade das propostas do *Sturm und Drang* como movimento literário juvenil, articulando-as à psicanálise e à linguagem. Em seguida, discorreremos sobre as significações com que concebemos, neste trabalho, os significantes puberdade, adolescência, juventude, entrelaçando psicanálise e literatura. Na terceira e última seção, enfocaremos a errância de *Werther* e suas contribuições à psicanálise de maneira geral.

## 1. A linguagem como ponte entre a psicanálise e o *Sturm und Drang*

O nome do movimento literário no qual *Werther* é criado provém da peça homônima de Friedrich Klinger, um dos autores que tomaram parte nele. Apesar de não ter sido considerada uma obra impactante, *Sturm und Drang* (1913) teria sido caracterizada, por alguns autores, como um “drama sem um minuto de trégua” (Alberti, 1996, p. 32). O protagonismo literário da época, entretanto, foi atribuído a Goethe especialmente pelo lançamento de *Werther* (2006), obra que contribuiu significativamente para o tão almejado reconhecimento da autenticidade e da autonomia da literatura de expressão alemã, em um contexto no qual a Alemanha nem sequer existia como nação; seu território era ainda fragmentado e dividido em principados que formavam o Sacro-Império Romano-Germânico. O envolvimento da região em frequentes ataques militares, na maior parte das vezes oriundos da França, teria sido um dos fatores mais significativos para a eclosão do nacionalismo, do patriotismo e da busca de preservação da cultura popular alemã entre os jovens *Stürmer*, combinado com as tentativas de separação dos ideais estéticos franceses em prol dos ingleses (Kestler, 2010).

Até o surgimento do *Sturm und Drang*, as criações literárias de expressão alemã não só tomavam como referência a concepção estética estrangeira, como também o vocabulário dos escritores era permeado de abundantes estrangeirismos. Alinhada à falta de um código reconhecido como genuinamente germânico com o qual pudessem se expressar autenticamente, havia uma concepção compartilhada entre os autores da época sobre a escrita ser insuficiente para simbolizar a força da natureza e dos sentimentos. Esse reconhecimento da impossibilidade de “expressar o vigor de um sentimento e a volúpia da natureza” se tornou motivo constante em *Werther*, situação à qual o personagem se refere queixosamente incontáveis vezes em suas cartas (Backes, 2006, p. 17-8).

Considerando a associação entre o simbólico e o movimento literário, interessa-nos as articulações entre linguagem, literatura e cultura estabelecidas pelo escritor Johann Gottfried Herder (1987), contemporâneo ao *Sturm und Drang*. O autor teria criado um mito que entrelaçava o desenvolvimento da nação, da família, do sujeito e da linguagem (Alberti, 1996). Ademais, em sua análise, Herder comparou o uso da linguagem em diferentes momentos da história humana, o que nos possibilitaria conceber um estágio entre a infância e a fase adulta da língua, análogo à transição vivenciada durante a juventude, momento no qual, segundo o escritor, “o sofrimento não se amarra” (Alberti, 1996, p. 54). Esquematisada em etapas, o uso da linguagem, inicialmente, dependeria do aprendizado dos sons de sílabas; depois, quando a criança se torna jovem, a língua acompanha esse movimento se tornando, por sua vez, o poético, circunstância em que “o poeta eleva o sotaque a um ritmo escolhido pelo ouvido, razão pela qual a língua continua a ser expressão do sofrimento que não se amarra” (Alberti, 1996, p. 54).

Ao associar as transições subjetivas à linguagem, Herder teria se antecipado ao mote lacaniano *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* (Alberti, 1996). À



impossibilidade de amarração do sofrimento de que fala o escritor, poderíamos entrelaçar o *Sturm und Drang* e os coincidentes significantes com que Freud formalizou a teoria pulsional: contra a tempestade [*Sturm*], Freud teria destacado o papel dos trilhamentos e dos recalques [*Verdrängungen*] na barragem [*Dämme*] contra a pressão [*Andrang*] das águas. Em outras palavras, Freud contrapôs à tempestade as amarrações das pulsões (Alberti, 1996). *Drang*, assinala Alberti (1996), antes de se tornar uma das características da pulsão em 1915, apareceria primeiramente na teoria freudiana como “força represada”; no *Sturm und Drang* ela concerne ao ímpeto característico da juventude. Na hipótese desenvolvida por Alberti (1996), o *Sturm und Drang* e as elaborações filosóficas de Herder sobre a linguagem, teriam lançado luz às questões juvenis e fizeram com que o jovem, aos poucos, fosse considerado no discurso sob uma outra perspectiva (Alberti, 1996) pela qual se torna possível conceber questões subjetivas características do adolecer e da juventude.

Recorrendo ao *jovem Werther*, levando em consideração os vocábulos utilizados por Freud, essa dupla perspectiva sobre o *Drang* – por um lado atrelado ao ímpeto juvenil no campo literário, por outro à força da pulsão no campo psicanalítico –, encontramos no romance de Goethe referências às quais podemos associar essas duas visadas. Em uma delas, o personagem fala, lamentando, sobre o papel dos diques [*Dämme*] que barrariam o ímpeto [*Drang*] do gênio criador, mas que, em contrapartida, ofereceriam proteção contra o avassalamento que a pressão provocaria nos desguarnecidos, por assim dizer. Um esboço literário de uma (futura) teoria pulsional e dos destinos (ou desvios) pulsionais elaborados por Freud, pode ter sido, então, antecipado na poética de Goethe:

Por que é que a *torrente* do gênio *transborda* tão poucas vezes e tão poucas vezes chega a ferver, em encrespadas ondas, sacudindo vossas almas letárgicas? Queridos amigos... É que além, nas duas margens, habitam homens graves e ponderados, cujas casinhas ajardinadas, prateleiras de tulipas e campos de hortaliças seriam levados pela torrente se os mesmos não houvessem sabido defender suas propriedades do perigo iminente a tempo, construindo *diques e desvios* (GOETHE, 2006, p. 27, grifo nosso).

Os significantes destacados nessa passagem apontam para a prenhe idealização do jovem personagem, e por tabela dos jovens *Stürmer*, que ansiavam pelo status de gênio criador em suas produções artísticas. A construção de diques e desvios serviria contra o ímpeto que lançaria o poeta *integralmente* no processo criativo, visando a uma escrita que contemplasse fielmente a expressão de sua experiência subjetiva. Para Werther, o excesso de pressão garantiria “o verdadeiro sentimento da natureza e sua genuína expressão!” (Goethe, 2006, p. 27). O comedimento nas manifestações subjetivas, bem como o regramento da produção estética eram malquistos pelos jovens que vislumbravam no excesso a possibilidade de alcançar a genialidade. Fadados ao fracasso, já que a linguagem não consegue recobrir totalmente o real, sobrevinham entre eles a dor de mundo [*Weltschmerz*] e a melancolização que caracterizaram a época.

Na sequência da carta da qual a passagem supracitada foi retirada, o personagem antecipa a possível ponderação de seu interlocutor, para quem o regramento seria desejável, pois “faz podar os galhos parasitas” (Goethe, 2006, p. 27) e estabelece certos limites contra excessos. Werther se contrapõe ao imaginado posicionamento do correspondente e faz uma aproximação entre o que julga ser a postura ideal de um poeta e o comportamento apaixonado de “um coração juvenil”: este pende “inteira e unicamente de uma moça” e “passa a seu lado todas as horas do dia, oferece-lhe todas as suas forças, tudo o que possui para lhe deixar claro a todo instante que se entregou a ela por inteiro” (Goethe, 2006, p. 27). Qualquer comedimento contra o afã de completude ou contra a dedicação integral seja à moça seja à arte invalidaria para os *Stürmer* a possibilidade de amar e criar: “(...) quanto ao amor, adeus... E se for artista, adeus talento” (Goethe, 2006, p. 28).

## 2. Puberdade, adolescência, juventude

A ênfase juvenil de Werther manifesta-se em outras passagens da trama, nas quais são articuladas sua paixão pelos ideais e fugas como sintoma que o lança no mundo e “para fora dele” (Lacan, 2005), via suicídio. Todavia, antes de nos determos nesses elementos, convém, primeiramente, circunscrever a significação que atrelamos aos significantes em jogo na nomeação da travessia subjetiva sobre a qual nos debruçamos, quais sejam: puberdade, adolescência e juventude. Afinal, por que não falar, em nossa análise, na puberdade ou adolescência do personagem? Haveria distinções conceituais significativas quando empregamos esses significantes?

A Organização Mundial de Saúde (OMS), maior instituição responsável pela promoção de saúde em nível global, declarou sua impossibilidade de definir uma faixa etária que corresponda ao período, tendo em vista a multidimensionalidade de fatores envolvidos no adolecer. Isso porque a juventude, segundo a OMS, seria “afetada pelo contexto no qual os jovens estão inseridos” (Silva; Silva, 2011, p. 664) e leva em conta que “esse segmento constitui identidades e singularidades de acordo com a realidade de cada um” (Silva; Silva, 2011, p. 663). Na clínica escuta-se frequentemente o termo adolescência quando se trata do jovem que já não é mais criança, mas também não é considerado adulto. Destaca-se como marcador dessa passagem da infância para a adolescência, por vezes denominada pré-adolescência, o reconhecimento de um período no qual ocorrem as alterações corporais como surgimento de pelos, crescimento dos seios, alargamento dos ombros, desenvolvimento das funções reprodutivas acompanhadas ou não de mudanças subjetivas.

Quando a atenção pende para o viés fisiológico, a experiência clínica nos aponta que essas mudanças costumam ser apreendidas pelos responsáveis de jovens analisantes como parte de uma fase especificada com a designação *puberdade*. Não só na clínica, mas também no cotidiano escolar, adolescência, pré-adolescência e puberdade são termos que circulam com frequência entre responsáveis e profissionais para se referirem a uma espécie de etiologia das questões dos jovens. Os vocábulos parecem denotar uma concepção desenvolvimentista

das transformações vivenciadas pelos jovens, embora possam referir-se também às transformações psíquicas. Deste ponto de vista, o adolescer seria uma fase que, quando bem-sucedida, culminaria em uma harmonização subjetiva e corporal no jovem adulto. Os responsáveis pelos adolescentes, nessas circunstâncias, parecem ter a expectativa de que a escola e os psicólogos possibilitarão que o *infantil* seja superado e que o jovem adulto terá responsabilidade e maturidade suficientes para viver em paz e colaborativamente com seus semelhantes.

No que concerne ao campo psicanalítico, a separação entre puberdade e adolescência não teria sido claramente estabelecida nem por Freud, nem por Lacan. Freud (1905) deu preferência ao termo puberdade para se remeter às mudanças corporais e psíquicas envolvidas nesse período de transição subjetiva. Segundo Arlete Garcia (1999), o termo puberdade remeteria ao vocábulo latino *puber* (que atingiu a adolescência), por sua vez derivado de *púbes*, termo que designa o pelo que cobre a região do baixo ventre. Logo, destaca a autora, a região genital é nomeada pelo significante que a vela, os pelos. Desse modo, o significante puberdade poderia ser atrelado à sexualidade como “aquilo que é enigmático, velado” (Garcia, 1999, p. 87). Tomando por referência os apontamentos de Lacan, Garcia afirma que é de interesse da psicanálise as questões envolvidas na puberdade, posto que as mudanças fisiológicas durante essa fase serviriam para velar o que é da ordem da sexualidade e situar o sujeito, no nível psíquico, frente ao enigma suscitado pelo feminino e pelo masculino.

Quanto ao significante *adolescência*, abrangente das mudanças fisiológicas, subjetivas, e das questões concernentes ao laço do sujeito com o social, com a cultura, este encontra suas raízes no termo *adolescens*, particípio presente do vocábulo latino *adolescere* (crescer). O vocábulo *adulto* teria a mesma raiz etimológica do latim *adultus*, particípio passado de *adolescere* (crescido) (Garcia, 1999), donde as origens da palavra remetendo à noção que se considera atualmente em variados campos discursivos e até mesmo no senso comum: o adolescente é aquele que está em uma fase de crescimento que se encerraria quando ele se torna adulto, crescido.

No século XV, o termo *adolescente* passou a ser empregado para designar jovens homens inexperientes, enquanto *adulto* se tornou corrente apenas no início do século XIX. Nessa época, passou-se a caracterizar a adolescência como um período crítico que exigiria intervenções protagonizadas por adultos e instituições, a fim de “educar” os jovens. Para dar conta dessa nova forma de se portar ante os adolescentes, foram criados os “métodos educativos, e mesmo policialescos, para que (...) essa passagem se efetue o mais rapidamente possível e sem fazer estragos. É a época em que se considera o jovem perigoso, violento” (Cottet, 1996, p. 8). Embora a transição subjetiva e corporal seja concebida por alguns teóricos como produto puramente ideológico, historicamente datado, como afirma Cottet, a maneira como são tratadas as questões da adolescência também pode ser compreendida como uma significação atribuída a essa fase de transição, vivenciada com a angústia decorrente da lida com o jovem revoltado que se desestabilizou em face do real que retorna em seu corpo.



Cottet (1996) sublinha o que prevalece em termos de subjetivação em meio às tormentas da adolescência e da puberdade, separando-as da restrita concepção de autores que tratam as questões em termos de ideologia e construção social. Para o autor, assim como foi sinalizado por Lacadée (2011), por Freud (1996) e por Lacan (2003), o que está em questão nessa transição da infância para adolescência é o encontro com real do sexo. Em Freud, destacam-se duas elaborações fundamentais concernentes à puberdade: o encontro do jovem com o real do sexo e o trabalho de separação da autoridade dos pais, ao qual o adolescente é convocado. O adolescer o empurraria radicalmente para fora de seu círculo familiar na busca de satisfação sexual. Nos termos de Lacan (2007), é nessa transição propulsão pela adolescência que a questão da sexualização se colocará para o sujeito, impelido que será a se posicionar na partilha dos sexos.

Das elaborações de Freud sobre a sexualidade é possível apreendermos que o sujeito constrói um lugar fálico norteado pelas marcas significantes que recolhe do campo do Outro, alienando-se a elas para se constituir como sujeito (Falbo, 2014). Com o retorno das pulsões adormecidas no período de latência na puberdade, o sujeito será convocado à construção de novos recursos para lidar com a sexualidade que incidirá sobre seu corpo, desorganizando-o (Falbo, 2014). As mudanças psíquicas e corporais estariam, portanto, atreladas. Neste percurso, os pais, que outrora ocupavam um lugar idealizado para a criança, em face a seu desamparo, serão depostos, dando lugar a novas referências. Assim, se antes a criança neurótica estava às voltas com a questão de ser ou não ser o objeto que supostamente preenche a falta do Outro, com o despertar da adolescência, esse lugar desaparece, o que tem por efeito a demarcação de um vazio que concerne tanto ao jovem como ao Outro. É somente a partir dessa circunscrição do vazio que a construção de uma forma singular de lidar com seu gozo se faz possível. Para tanto, esse percurso

exige um trabalho de luto intrínseco à desidentificação ao elemento que imaginariamente sustentaria a relação, que não existe, entre o casal parental: o Um (pai) e o Outro (mãe). Nessa trilha em direção à vida dita “adulta”, será imperativo o esforço de transcrever os traços com os quais se teceu a tela que sustentava a criança no lugar de sintoma parental, permitindo, então, a reconstrução de sua versão fantasmática norteada pela impressão deixada pelo fantasma do Outro, de modo a poder responder como ser sexuado (Falbo, 2014, p. 62-3).

Responder como ser sexuado poderia ser apreendido como um ‘despertar’ para o desejo. Segundo Lacadée, o despertar do sonho acalentado durante o período de latência se relaciona com o tempo em que os jovens “testemunham a falta a ser, o sofrimento e a necessidade interior de se confrontarem com o mundo, com o intuito de se livrarem do que não está bem em suas vidas e de reconhecer os limites necessários ao desenvolvimento de sua existência” (Lacadée, 2011, p. 56). Metáfora recortada pela psicanálise para o período em que o jovem é impelido a lidar com seus sonhos e suas fantasias, e a se responsabilizar por

eles, *despertar* faz jus a esse ‘deparar-se com o real impossível de simbolizar’, marco do início dessa transição subjetiva.

Em *Werther* encontramos, discretamente, referências a esse despontar da primavera marcado justamente pelo encontro com Lotte, a moça por quem o personagem se apaixona perdidamente. Quando se conhecem, em um momento intensamente festivo, Lotte faz referência a uma ode do poeta alemão Klopstock, intitulada *A festa da primavera*, que funcionaria para selar “a íntima união entre Werther e ela”, mediada pela literatura (Backes, 2006, p. 45-6). Fora do enredo, outros dados contribuem para construir a jovialidade do protagonista da trama, sem a declaração direta de sua idade. Podemos considerá-la, primeiramente, pela relação da obra com o movimento literário no qual ela toma parte. O movimento *Sturm und Drang* foi liderado por jovens escritores, e suas reivindicações eram coerentes com aspirações da juventude. As informações oferecidas pela autobiografia de Goethe (1986), combinadas com dados extraídos da obra, também corroborariam o ápice da juventude de Werther. *Werther* foi escrito e publicado em 1774, quando Goethe contava vinte e cinco anos. Na primeira carta de Werther consta o ano 1771. Se atentarmos para o teor confessional da obra e para seu enredo como transposição literária das vivências do jovem Goethe, poderíamos deduzir que Werther teria em torno de vinte anos de idade, como o autor da trama. Logo, o que estaria em jogo para o personagem não diria respeito à saída da infância e entrada na adolescência, mas sim à transição desse período da juventude para a suposta “vida adulta”.

A idade não declarada de Werther também nos permite uma outra interpretação. A imprecisão quanto à idade do personagem nos faz considerar que esse não é um dado importante para a constituição do enredo. O que está em evidência em seu drama é o páthos característico do período de transição que atravessa. Anunciada a jovialidade do personagem no título, seria pela própria urdidura da trama que o leitor confirmaria a caracterização jovial dos impasses do personagem. Essa interpretação se assenta nas elaborações teóricas que encontramos sobretudo no campo psicanalítico. Concebe-se entre os psicanalistas que não é possível enquadrar claramente a juventude em uma faixa etária específica, porque os processos de subjetivação ocorrem por uma marcação temporal lógica, diferente de uma concepção desenvolvimentista e, vale lembrar, nada garante que a travessia da fantasia, em termos subjetivos, ocorrerá. Mesmo em outros discursos pautados em uma orientação cronológica do desenvolvimento, os marcos de início e fim da juventude são nebulosos.

Firmadas tais elaborações sobre a situação subjetiva do personagem, podemos concentrar nossas discussões nos elementos da história. Nesse despertar para o real vivenciado pelo jovem, os leitores se deparam com a paixão descomedida do personagem pelos ideais de sua época. Extremamente sentimental, Werther vivencia suas frustrações com intenso sofrimento. O jovem se recusa a viver em um mundo em transição, a renunciar aos seus valores e se sente avassalado ao se confrontar com a não existência da relação sexual. Ao escolher o suicídio, o personagem se esquia do trabalho de luto ao qual é convocado, jovem

habitado pela linguagem que é, sem o qual será impossível fazer do desejo sua bússola de orientação pela vida.

### 3. As partidas de Werther à luz da psicanálise

Retomemos, então, o drama de Werther. São poucas as informações a respeito das famílias de Werther e de Lotte. Quando aparecem no texto, elas são sofisticadamente contextualizadas ao momento vivenciado pelo personagem. Esse entrelaçamento é favorecido pelo formato epistolar do drama, pois o destinatário de Werther é um amigo há muito conhecido, logo, o personagem encontra abertura para transmitir as notícias e histórias de quem experiencia algo novo, concomitante à associação com elementos do passado familiares a seu interlocutor. O enquadre da situação ocorre em uma perspectiva sincrônica, com narrativas sobre acontecimentos e sentimentos mais específicos e imediatos. Assim, encontramos elementos sobre a infância de Werther apenas quando o jovem revisita a região onde nasceu e rememora vivências infantis, “antes de os acontecimentos se precipitarem de forma definitiva” (Backes, 2006, p. 111). Dentre as lembranças do personagem, destacamos aquela que sucede ao seu pedido de demissão na Corte e à consequente partida da cidade onde trabalhava, ocasião na qual o jovem se mostra propenso a retornar ao local onde residia quando criança.

Parto amanhã e como a minha terra natal fica afastada do caminho apenas seis milhas, quero tornar a vê-la e recordar os antigos e felizes dias que se desvaneceram como um sonho. Quero entrar pela mesma porta, através da qual minha mãe saiu comigo na carruagem, depois da morte do meu pai, no dia em que ela decidiu deixar para trás aquela querida morada para ir meter-se na vossa insuportável cidade (Goethe, 2006, p. 111).

Na carta seguinte, o personagem fala dos sentimentos avivados pelo retorno à terra natal:

Fiz a viagem aos lugares que me viram nascer com a devoção de um peregrino, e fui tocado por um punhado de sensações inesperadas. Ao pé de uma grande tília, que fica a um quarto de légua da cidade, mandei parar, desci da carruagem e disse ao cocheiro que continuasse, a fim de seguir a pé e gozar sozinho a frescura e a vivacidade de cada reminiscência. Parei ali, debaixo da tília, lugar que era o termo dos meus passeios durante a infância. Que mudança! Naquela época eu me lançava com feliz ignorância ao mundo desconhecido, e contava dar ao meu coração todo o alimento, todo os prazeres, cuja carência eu senti por tantas vezes tocar o meu seio. E agora regressava desse vasto mundo... Oh, meu amigo, quantas esperanças desapontadas! Quantos planos destruídos! (Goethe, 2006, p. 112-3).

Werther prossegue seu relato lamentando a perda de sua idílica vida infantil, expressa seu desprezo por todas as mudanças avistadas na cidade e seu entusiasmo diante de tudo que

ele pôde relembrar: “não dava um passo que não trouxesse uma recordação” (Goethe, 2006, p. 113).

As partidas de Werther dinamizam o romance do começo ao fim. Como já sinalizamos na primeira seção deste trabalho, a história é encetada com a notícia de sua partida da cidade com quem vivia com seus familiares: “como estou contente de ter partido!” (Goethe, 2006, p. 14). Depois, o personagem procura separar-se de Lotte fugindo da cidade onde morava após deixar a casa de sua mãe. Antes de sair da cidade onde a moça residia, ele anuncia ao seu interlocutor: “Tenho de partir! Há duas semanas medito no projeto de a deixar. Tenho de partir. Ela está mais uma vez na cidade em casa de uma amiga. (...) e... tenho de partir!” (Goethe, 2006, p. 86). Werther, então, rumo para outra cidade onde trabalhará na Corte. Malograda a empreitada, o jovem pede demissão e parte em direção à cidade onde morou durante a infância, antes do falecimento – da partida - de seu próprio pai. Após curto período de tempo instalado em sua cidade natal, Werther parte novamente, dessa vez retornando à cidade onde reside Lotte e seu noivo. A partida seguinte do jovem personagem seria, então, a derradeira, a mais radical, aquela em que ele evade da cena na qual era o protagonista.

A errância de Werther nos remete à ideia de fuga proposta por Lacan (1962-63) e retomada por Lacadée (2011) nas elaborações de seus casos clínicos. Nestes, o psicanalista abordou-a como sintoma de dois de seus analisantes, ambos adolescentes. “Fugas ou errâncias”, afirma Lacadée, “aparecem no momento em que o sentimento de vazio assombra o adolescente”, ou seja, ela funciona para ele como tentativa de separação do lugar de falo ocupado durante sua “condição de criança capturada pelo discurso do Outro” (Lacadée, 2011, p. 46). Alinhada à afirmação de Lacadée sobre o vazio, encontramos na carta de 19 de outubro uma declaração de Werther sobre esse sentimento e a tentativa de preenchê-lo com o objeto amado, localizado fora do âmbito familiar: “Ah, esse vácuo medonho que sinto no meu seio! Muitas vezes penso... Se pudesses uma vez, uma só vez, apertá-la ao peito, todo esse vácuo haveria de se encher” (Goethe, 2006, p. 128).

Sintomas como esse, sinalizados por Lacadée (2011) nos casos que acompanhou e testemunhados literariamente por Werther, atrelam-se a questões clínicas nas quais se evidencia o papel do ideal do eu na subjetivação – que é ligado ao Nome-do-Pai –, pois este ideal serve como ponto de basta, que dá ao sujeito um lugar no simbólico, “e sua fórmula”, como um “ponto de onde” o adolescente pode ver-se digno de ser amado e amável (Lacadée, 2011). A saída de casa no início da trama lança o personagem em uma errância que desvela ao leitor o trabalho psíquico que se impõe a Werther, uma travessia a ser percorrida na qual o personagem busca “o que ele crê ser o mundo real que o conduz a rejeitar os semblantes do Outro que até então o velam” (Lacadée, 2011, p. 32). Essa busca, em *Werther*, é anunciada pelo próprio personagem quando diz ao amigo que todas as “relações” estabelecidas na cidade onde morava, “escolhidas pelo destino” e não por ele próprio, servir-lhe-iam apenas para afligi-lo (Goethe, 2006, p. 14).

Desolado por causa da separação anunciada pela amada, o drama culmina com a partida radical do personagem da cena para o mundo puro (Lacan, 2005): Werther põe fim à

própria vida com um tiro na cabeça. Retomando o sintagma *niederkommen lassen* (deixar vir abaixo; largar de mão/deixar cair) utilizado por Freud ao se referir à tentativa de suicídio de uma de suas analisantes, Lacan (2005) estabeleceu uma articulação entre a queda do objeto com o qual o sujeito se identifica e a queda do próprio sujeito da cadeia significante que o sustenta. O que se passa no ato, na passagem ao ato, entretanto, deve ser diferenciado de outras formas de agir do sujeito. Para estabelecer esse discernimento entre os dois fenômenos, Lacan (2005) partiu da noção de dramatização. Haveria para o sujeito, de um lado, o mundo onde o real se comprime. Do outro lado, haveria um palco onde a montagem desse mundo acontece, palco que articula a dimensão da história do sujeito, cena do Outro. As coisas do mundo seriam encenadas no palco a partir das leis significantes que situam o sujeito em sua história, palco (dimensão simbólica) no qual o sujeito se aventura mascarado (dimensão imaginária). Por essa articulação entre os dois registros que sustentam a montagem do palco sobre o mundo, Lacan considerará que a história tem um caráter de encenação (Lacan, 2005).

No palco se dá a relação do sujeito com o objeto. No ato, na *passagem ao ato*, é de seu lugar no palco, situado como sujeito historicizado, que o sujeito “se precipita e despenca para fora da cena” (Lacan, 2005, p. 129). Em outras palavras, a cena se dá em um palco constituído pela cadeia significante e o ato, por conseguinte, diz respeito a um movimento de queda da cadeia. Uma das interpretações possíveis para o suicídio de Werther seria considerá-lo, nos termos de Lacan, como *passagem ao ato* suicida. A diferenciação entre a *passagem ao ato* e o *acting out* estaria naquilo que está subjacente ao agir: no primeiro caso, o sujeito está identificado com o vazio e com o objeto que resta do simbólico e evade para o real; já no *acting out*, o sujeito age por entrar em cena, presentificando uma dramatização endereçada ao Outro.

Antecedente ao ato do personagem, convém atentarmos às recorrentes partidas de Werther. Tendo em vista o caráter nostálgico que colore suas reminiscências e suas frustrações, os movimentos do personagem poderiam ser concebidos como fugas, tal como Lacan as denominou: “A que chamamos fuga, no sujeito que nela se precipita, sempre mais ou menos colocado numa posição infantil, senão a essa saída da cena, à partida errante para o mundo puro, na qual o sujeito sai à procura, ao encontro de algo rejeitado, recusado por toda parte?” (Lacan, 2005, p. 130). Dessas fugas, assinala Lacan, é possível que o sujeito retorne e, neste retorno, ele encontre a possibilidade de ser valorizado.

Quando planeja sua fuga, Werther parece armar a cena para despencar do palco onde ela acontece. Em certo momento da história, em uma discussão acalorada com o noivo de Lotte, o personagem defende fervorosamente o suicídio como forma digna de resolução do sofrimento decorrente das incompatibilidades entre os ideais almejados e aquilo que o sujeito alcança no laço social: satisfação parcial, nunca integral. É justamente ao noivo de sua amada que Werther pede emprestado a pistola com a qual porá fim à vida. O personagem se suicida sentado à escrivaninha, localizada no *púlpito* de seu quarto – em um pequeno palco, portanto. Sua trágica queda dura aproximadamente seis horas, uma vez que o ato não lhe arranca imediatamente da vida. Em seus últimos minutos de sofrimento, o jovem é encontrado



agonizando por outros personagens que se tornam plateia para seu definimento, já que nada poderia ser feito para salvá-lo.

Finalizamos esta seção com questões que restam, suscitadas pelo desfecho da história. Lacan (2005) estabeleceu separações entre o desencadeamento dos fenômenos passagem ao ato e *acting out*. Quando recorremos a Werther, entretanto, a questão retorna. O personagem passa ao ato, cai da cena identificado com o objeto de desejo, mas seu suicídio aparece como uma encenação, como um *acting out* endereçado à amada que o abandona. Tendo essas elaborações teóricas e literárias em vista, seria possível conceber, então, que nem todo suicídio, ato no qual o sujeito evade para o mundo puro, configuraria uma passagem ao ato? Em outras palavras, seria possível conceber o suicídio como uma encenação endereçada a outro como o *acting out*? Mais uma vez, como sói ocorrer há duzentos e cinquenta anos, resta do clássico de Goethe indagações que nos convocariam novamente ao trabalho, visando encontrar na letra do poeta as elucidações para questões tão arduamente desbravadas pelos psicanalistas em sua práxis.

### **Para concluir, o declínio do movimento: fim da linha ou finda a travessia?**

Embora a Alemanha ainda não existisse como país unificado, o *Sturm und Drang* se destacou e *Werther* se tornou uma das obras mais marcantes desse movimento de expressão alemã. Foi, portanto, com seu drama confessional que Goethe inaugurou a criação da prosa moderna na Alemanha (Backes, 2006). Alinhado aos preceitos do *Sturm und Drang* e vivenciando sua própria juventude, o poeta redigiu a obra em um ímpeto que durou menos de dois meses. Segundo Kestner, noivo de Charlotte (moça por quem Goethe fora apaixonado), especialmente na primeira parte do romance, Goethe retratou-se com lealdade, assim como fez com o casal de amigos com quem convivia. Na segunda parte da história, mais sombria, o poeta teria se afastado da sua própria vivência, baseando o destino de Werther em sua fantasia suicida e na história do suicídio de um jovem que conhecera, mas com quem não chegara a travar amizade. Nessas bases, o escritor pôde exprimir de modo notável a dor do mundo [*Weltschmerz*] de toda uma geração de jovens.

O “estilo genial” e a febre causada pela obra, no entanto, não poderiam perdurar (Kohlschmidt, 1967), posto que, como movimento juvenil, tratava-se de um período de transição, fortemente marcado pela melancolização decorrente das transformações na conjuntura cultural e social da época. No campo da arte literária, a permanência do conflito entre ideia e realidade vivenciado pelos jovens *Stürmer*, a tentativa de expressão descomedida e o sentimentalismo como *Leitmotiv* das obras, sem apoio técnico que balizasse a produção estética, tornavam os autores, pouco a pouco, repetitivos ou improdutivos “até conciliarem-se com a burguesia que combatiam” (Kohlschmidt, 1967, p. 263).

Sendo o temperamento juvenil a mola propulsora do ato criativo do movimento literário, as produções que surgiram nesse contexto eram marcadas pela “expressão da paixão e o descomedimento da imaturidade” (Kohlschmidt, 1967, p. 263). Logo, com o

envelhecimento de seus representantes, era de se esperar que surgissem novas concepções de vida e de estilo artístico, e que fosse incontornável seu declínio, visto que ele estava atrelado ao trabalho de luto e à travessia subjetiva dos *Stürmer*. Com o fim do movimento, Goethe tomou rumos diversos, “procurando superar os arroubos anárquicos da fase juvenil, através de uma disciplina severa, sob a inspiração da arte grega” (Rosenfeld, 1993, p. 147). Entra em cena, então, o classicismo alemão, movimento em que se proclamavam ideais de formação e cultivo da personalidade sem as revoltas contra a civilização, como apareciam entre os jovens *Stürmer*.

Em contraste com a concepção dos jovens “gênios”, segundo a qual o homem estaria fadado a “definhando no cárcere do mundo” (Rosenfeld, 1993, p. 73) por causa da incompatibilidade entre os seus impulsos ou aspirações e as exigências da civilização, “no classicismo já se notam os inícios do imenso surto filosófico idealista que, pelos fins do século XVIII e início do próximo, iria tornar a Alemanha centro universal do pensamento, através de Kant, Fichte, Schelling e Hegel” (Rosenfeld, 1993, p. 231). Influenciados pela filosofia idealista, a concepção do papel do humano no mundo é alterada: ele deverá procurar a conciliação e o reconhecimento da lei moral que deveria prevalecer em suas escolhas (Rosenfeld, 1993, p. 71-3). O reconhecimento da lei moral pelos classicistas nos remonta a Freud (1950) indicando que a vinculação do sujeito ao Outro, tão combatida pelos *Stürmer*, deve-se ao desamparo, sendo ele concebido como a fonte de todos os motivos morais. Desamparado, é na cena do Outro (Lacan, 2005) que o sujeito se constitui, mesmo que ele venha a questionar e se separar desse Outro com o despertar para a juventude. Isso lhe possibilita criar sua maneira própria de lidar com o real.

O classicismo alemão propunha a “disciplinação dos violentos impulsos românticos que, depois de se manifestarem na fase do Sturm und Drang, são dominados ou superados na maturidade” (Rosenfeld, 1993, p. 230). Embora a noção de “maturidade” não corresponda àquilo que a psicanálise preconiza em seu aparato teórico clínico, pois o infantil constitui o ser falante, poderíamos conceber que os representantes do movimento consideravam outros encaminhamentos possíveis para aquele tal sofrimento que não se amarra. A impossibilidade de tudo recobrir com simbólico e imaginário, de encontrar a justa medida para as questões da vida e da morte, inevitavelmente, se (re)vela, mas não determina o fim da linha para o sujeito. Pelo contrário, seu vislumbre convoca ao trabalho subjetivo em favor do desejo.

Neste contexto de transição, apareceram os ‘romances de formação’ [*Bildungsroman*], gênero no qual encontramos indicativos da renúncia dos personagens ao constrangimento imposto pela sociedade, ao incontornável mal-estar que acossa cada um. As tramas se estruturam com base no que seria uma transição subjetiva da juventude à vida adulta. Novamente, entre os maiores escritos literários da época, encontra-se uma obra goethiana, a primeira desse gênero: *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* [*Wilhelm Meisters Lehrjahre*] (1982), publicado aproximadamente dez anos depois de *Werther*. Nesse romance, Goethe fez do ideal clássico o alicerce de sua trama, baseando-a no tema da formação da

personalidade: o ser humano se integra à sociedade aceitando suas limitações e convenções impostas – uma “evidente superação do anarquismo pré-romântico” (Rosenfeld, 1993, p. 73).

Para finalizar, destacamos que este protagonista goetheano, Wilhelm Meister, age e toma decisões que não condizem com a tentativa de preencher a falta do Outro, pois em seu horizonte situa-se com maior lucidez aquilo que lhe apraz. Por isso o personagem, na contramão daquilo que, de certa forma, o destino lhe reservara, decide não se dedicar aos negócios da família para se tornar ator. Sua escolha o lança em várias aventuras que lhe oferecem o vislumbre de algo valioso na busca daquilo que ele almeja, retirando o foco do objeto almejado propriamente dito. O romance de Goethe é considerado “formativo”, pois trata da formação moral e psicológica atrelada ao contexto social no qual o personagem se insere, circunstância que o faz questionar suas decisões e certezas. O acento da obra nesse caso recai na travessia empreendida pelo jovem e não na concretização de suas idealizações. Wilhelm é um personagem bem diferente de Werther, cuja travessia foi interrompida brutalmente por estar decidido a viver *integralmente* para o amor e para a arte. Mesmo que de maneira sumária, os elementos levantados e discutidos neste trabalho sobre os diferentes movimentos literários, o enredo das obras, bem como a caracterização dos personagens goetheanos oferecem aos interessados em psicanálise elementos para elaborações sobre a dimensão transicional deste período delicado de subjetivação e sobre os impasses multifacetados que costumam caracterizá-lo.

## Referências

ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra capa, 1996.

BACKES, Marcelo. Prefácio e notas. In: GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

COTTET, Serge. Estrutura e romance familiar na adolescência. In: RIBEIRO, Heloísa Caldas; POLLO, Vera (orgs.). *Adolescência: o despertar*. Rio de Janeiro: Contra capa, 1996.

FALBO, Giselle. Construção da imagem de si, desestabilização e adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* [online], Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 61-71, 2014. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672014000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 26 ago. 2024.

FREUD, Sigmund. Entwurf einer Psychologie. In: Freud, S. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. London: Imago, 1950 [1895].

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud, Sigmund. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1905]. v. 2.

GARCIA, Arlete. Adolescência – tempo de adolescer. *Letra Freudiana: Objeto e tempo da Psicanálise*, v. 27, n. 25, 1999.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Memórias: poesia e verdade*. Brasília: HUCITEC, 1986.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Tradução de: Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Wilhelm Meisters Lehrjahre*. Frankfurt am Main: Insel, 1982.

HERDER, Johann Gottfried. *Ensaio sobre a origem da linguagem*. Lisboa: Antígona, 1987.

HERRNDORF, Wolfgang. *Tschick*. Berlin: Rowohlt, 2010.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. O conceito de literatura universal em Goethe. *Revista Cult* [online], n. 130, 2010. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-conceito-de-literatura-universal-em-goethe/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

KLINGER, Friedrich Maximilian. *Sturm und Drang*. Halle a. Saale.: Niemeyer, 1913.

KOHLSCMIDT, Werner. O classicismo. In: BÖSCH, Bruno (org.). *História da literatura alemã*. São Paulo: Herder; EDUSP, 1967.

LACADÉE, Philippe. *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2011.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: JZE, 2005 [1962-3].

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: JZE, 2007 [1972-3].

LACAN, Jacques. Prefácio ao Despertar da Primavera. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 [1974].

MUSIL, Robert. *Die Verwirrungen des Zöglings Törleß*. Leipzig: Insel, 1906.

ROSENFELD, Anatol. Aspectos do Romantismo alemão. In: ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SILVA, Roselani Sodrê da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Caderno CRH* [online], Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/QHfYfV7nPqyJZwV7KTSjqBs/?format=pdf>. Acesso em: 26 ago. 2024.

WEDEKIND, Frank. *Frühlings Erwachen*. Stuttgart: Reclam, 2000.

**Data de submissão:** 28/08/2024**Data de aceite:** 18/03/2025